

# BALANÇO 2020

**jornalistas presos,  
reféns e desaparecidos**

	<b>O BALANÇO EM UM OLHAR</b>	<b>p. 3</b>
	<b>NOTA METODOLÓGICA</b>	<b>p. 4</b>
<b>1</b>	<b>OS JORNALISTAS PRESOS</b>	<b>p. 5</b>
	Em números	p. <b>5</b>
	As cinco maiores prisões do mundo	p. <b>7</b>
	O efeito Covid-19	p. <b>9</b>
	Novos prisioneiros emblemáticos	p. <b>14</b>
	Quando o pior deve ser temido	p. <b>15</b>
<b>2</b>	<b>OS JORNALISTAS REFÊNS</b>	<b>p. 16</b>
	Em números	p. <b>16</b>
	Países de alto risco	p. <b>17</b>
	Libertações a conta-gotas e impasses	p. <b>18</b>
<b>3</b>	<b>OS JORNALISTAS DESAPARECIDOS</b>	<b>p. 20</b>
	Quatro jornalistas foram dados como desaparecidos em 2020	p. <b>20</b>

Fundada em 1985, a **Repórteres sem Fronteiras (RSF)** trabalha pela liberdade, a independência e o pluralismo do jornalismo no mundo inteiro. Dotada de status consultivo junto à ONU e à UNESCO, a organização com sede em Paris possui 13 escritórios e seções em todo o mundo e correspondentes em 130 países. A RSF apoia concretamente os jornalistas em campo através de campanhas de mobilização, assistência jurídica e material, dispositivos e ferramentas de segurança física (coletes à prova de balas, capacetes, guias práticos, seguros) e proteção digital (oficinas de segurança digital). A organização é hoje um interlocutor essencial para governos, assim como instituições internacionais, e publica, a cada ano, o Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa, que se tornou uma ferramenta de referência.

# O BALANÇO EM UM OLHAR





# NOTA METODOLÓGICA



A contagem total do balanço de 2020 estabelecido pela Repórteres sem Fronteiras (RSF) inclui jornalistas profissionais e não profissionais, bem como os colaboradores de meios de comunicação. No detalhamento, o balanço distingue tanto quanto possível essas diferentes categorias para permitir comparações de um ano a outro.

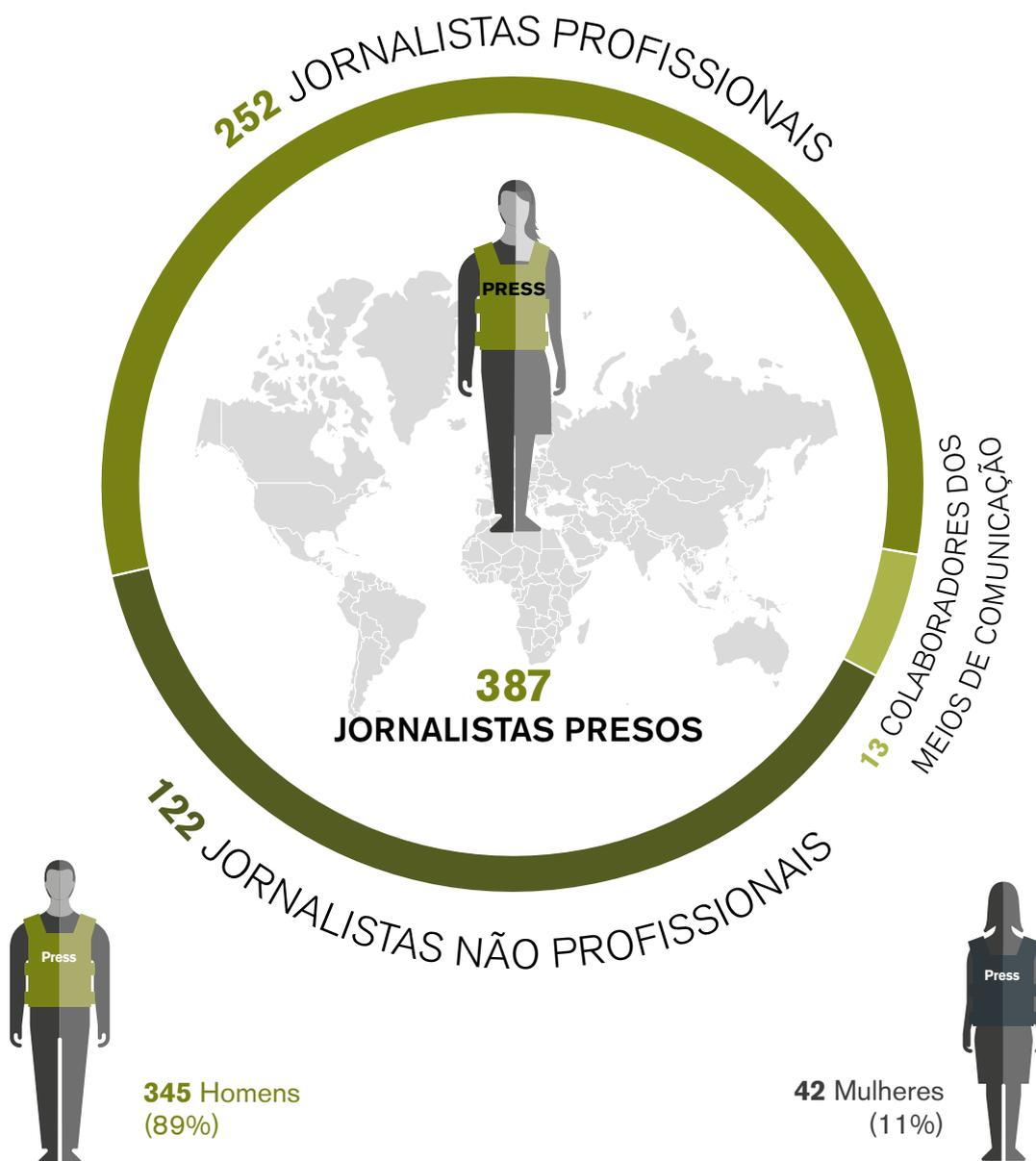
Produzido anualmente desde 1995 pela RSF, o balanço anual de violações contra jornalistas baseia-se em dados coletados ao longo do ano. A RSF realiza um registro minucioso de informações que permitem afirmar com certeza, ou ao menos com uma presunção muito forte, que a detenção ou o sequestro de um jornalista é consequência direta do exercício de sua profissão.

Os números desta edição cobrem o período até 1o de dezembro de 2020 e não levam em consideração as novas libertações ou prisões que ocorrerem após esta data.



# OS JORNALISTAS PRESOS

Em números



O número de jornalistas presos em todo o mundo permanece em um nível historicamente elevado. **No final de 2020, 387 jornalistas estão presos por exercerem seu trabalho de informar**, enquanto que, em 2019, eram 389. Essa estagnação no número ocorre após um aumento de 12% no ano passado. Nos últimos 5 anos, o aumento do número de jornalistas presos (profissionais e amadores) foi de 17% (328 jornalistas estavam presos em 2015).

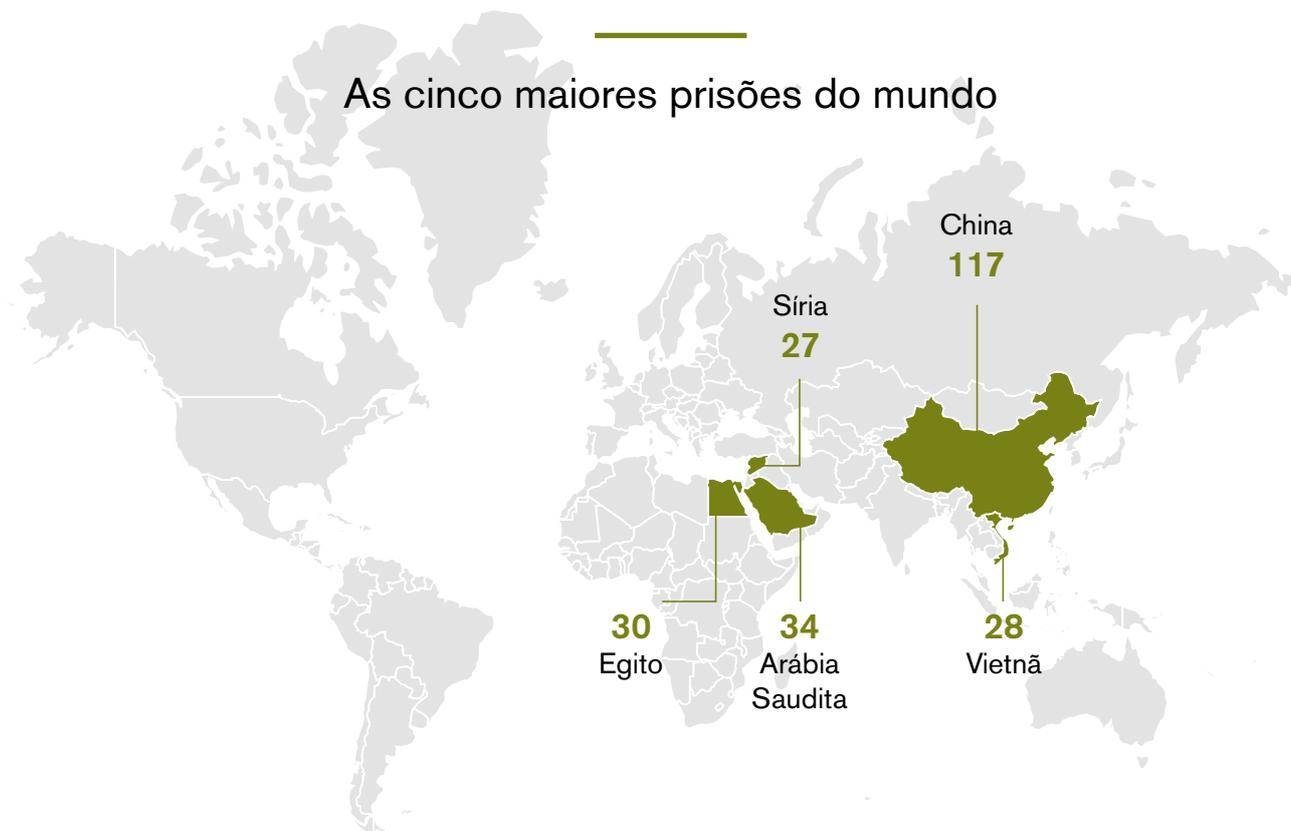
## OS JORNALISTAS PRESOS

**O número de mulheres jornalistas presas aumentou 35%, em comparação com o ano passado:** 42 delas estão atualmente privadas de liberdade. Eram 31 um ano atrás. Proporcionalmente, as mulheres representam 11% dos jornalistas presos, comparado a 8% no ano passado.

Ainda que tenhamos presenciado a [libertação](#) de mulheres icônicas em 2020, como a famosa jornalista iraniana e ativista dos direitos humanos [Narges Mohammadi](#), foram registrados 17 novos casos de jornalistas detidas até o início de dezembro: 4 na Bielorrússia, que passou por uma repressão sem precedentes desde a controversa eleição presidencial de 9 de agosto; 4 no Irã; 3 no Egito; 2 na China, onde a repressão se intensificou com a crise sanitária; 2 no Camboja; 1 no Vietnã; e 1 na Guatemala.

A pandemia de Covid-19 também teve um impacto sobre o número de jornalistas presos ao longo do ano. Apesar dos muitos apelos pela libertação urgente de prisioneiros de opinião, inclusive jornalistas, para evitar o risco de exposição ao coronavírus nos presídios, a crise sanitária suscitou **uma série de prisões adicionais: 14 jornalistas detidos por causa das suas coberturas sobre a pandemia estão atrás das grades até hoje.**

## OS JORNALISTAS PRESOS



**Mais da metade dos jornalistas presos em todo o mundo (61%) estão detidos em apenas cinco países.** Pelo segundo ano consecutivo, China, Egito, Arábia Saudita, Vietnã e Síria são as cinco maiores prisões do mundo para jornalistas.

A China mantém o primeiro lugar em 2020 com 117 jornalistas presos, dos quais quase um terço (45) são jornalistas não profissionais. A repressão do governo não afeta somente os jornalistas chineses. [Cheng Lei](#), jornalista australiana, nascida na China e ligada a uma emissora de TV estatal chinesa, está incomunicável, sem justificativa oficial, desde 14 de agosto. [Gui Minhai](#), cidadão sueco, nascido na China, que morava em Hong Kong e publicava livros baseados em reportagens investigativas, foi sequestrado durante uma visita à Tailândia em 2015 e levado para a China, onde foi condenado a 10 anos de prisão em fevereiro de 2020 por “fornecimento ilegal de informações para países estrangeiros”.

Três países do Oriente Médio completam esta triste lista. Na Arábia Saudita, a lista de presos totaliza hoje 34 jornalistas, em nome dos quais a RSF fez um [apelo por apoio público internacional](#) na cúpula do G20, realizada em novembro deste ano em Riade. Embora alguns deles estejam atrás das grades desde 2012, as autoridades sauditas adiaram todos os julgamentos - geralmente realizados sem qualquer transparência - desde o início da pandemia de Covid-19.

No Egito, a maioria dos jornalistas detidos durante a onda de prisões de setembro de 2019 não foi libertada. Desde então, outros jornalistas foram jogados em celas, também sob os pretextos de

## OS JORNALISTAS PRESOS

“pertencimento a um grupo terrorista” e “disseminação de notícias falsas”. Foi o caso de [Hany Grisha](#) e [Sayed Shehta](#), colegas no jornal *Youm 7*, e de [Shimaa Samy](#) e [Islam Al-Kalhy](#), colaboradores do site de notícias independente *Darab*.

Na Síria, onde a maior parte das prisões remontam ao início da guerra civil, em 2011, a lista de jornalistas presos permanece inalterada e poucas famílias recebem notícias de seus entes queridos. Quando isso acontece, geralmente é para informar sobre seus desaparecimentos. Foi assim com a ex-mulher do blogueiro **Jehad Jamal**, preso em 2012. No início de 2020, ela teve acesso a uma certidão de óbito, confirmando seus temores de que ele tivesse morrido na prisão, possivelmente sob tortura. O documento informa que a morte ocorreu em 2016, mas não especifica a causa.

No Vietnã, onde 7 jornalistas profissionais e 21 blogueiros estão atualmente detidos, as autoridades realizaram uma nova onda de prisões em maio e junho, provavelmente desencadeada pela aproximação do próximo congresso do Partido Comunista Vietnamita (PCVN), previsto para janeiro de 2021. Vários membros da Associação de Jornalistas Independentes do Vietnã (IJAVN), incluindo o seu presidente, **Pham Chi Dung**, foram jogados na prisão. A prisão, em outubro de 2020, do vencedor do prêmio RSF de Impacto de 2019, o jornalista **Pham Doan Trang**, confirmou a adoção de uma política muito mais severa.

### Bielorrússia, repressão numa escala sem precedentes

Em 1º de dezembro, 8 jornalistas bielorrussos ainda estavam detidos. Pelo menos [370 jornalistas foram detidos](#) desde a polêmica eleição presidencial de 9 de agosto, por diferentes períodos de tempo, totalizando mais de 880 dias atrás das grades.

Os meios de comunicação independentes há muito são alvo do regime de Alexandre Lukashenko. A repressão e violência contra eles foi [multiplicada por dez](#) depois da votação de agosto e o início de um amplo movimento de protestos pacíficos. O aparato estatal parece disposto a tudo para [impedir](#) a cobertura das manifestações. Desde o [dia seguinte às eleições](#), 23 jornalistas foram presos ou detidos, alguns em [condições terríveis](#), que envolveram espancamento arbitrário; desnudamento humilhante; privação de cuidados médicos, de ali-

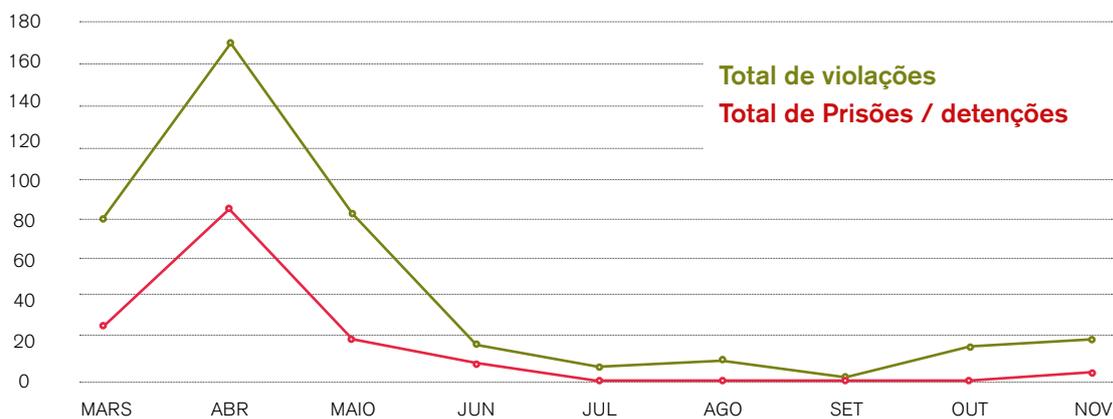
mentos e de acesso a banheiros; permanência em posições desconfortáveis forçadas em celas superlotadas. [Cerca de sessenta repórteres](#) foram detidos no último fim de semana de agosto.

Jornalistas agora correm o risco de ser [processados](#) e de receberem sentenças muito mais pesadas. As detenções arbitrárias, que visam intimidar e amordaçar a imprensa, levam cada vez mais à condenação de jornalistas após julgamentos injustos. Elas são acompanhadas por graves atos de violência, retiradas de credenciamento, expulsões de jornalistas estrangeiros, [censura da internet](#) e da imprensa escrita, enquanto a [propaganda](#) da mídia estatal ganha força.

## OS JORNALISTAS PRESOS

## O efeito Covid-19

Embora não sejam exaustivos, os dados coletados pelas equipes da RSF no âmbito do [Observatório 19](#), uma ferramenta criada em março de 2020 especificamente para monitorar a pandemia, revelam **um aumento significativo das violações da liberdade de imprensa na primavera do hemisfério norte**, início da disseminação do coronavírus pelo mundo. Entre os mais de 300 incidentes diretamente ligados à cobertura jornalística da crise sanitária registrados entre 1º de fevereiro e 30 de novembro de 2020, que envolveram quase 450 jornalistas, **as detenções e prisões arbitrárias representam 35% dos abusos identificados** (acima da violência física ou moral, que corresponde a 30% das violações registradas).



**O número de prisões quadruplicou de março a maio de 2020.** Leis de exceção e medidas de emergência adotadas por grande parte do mundo para lidar com a pandemia contribuíram para um “bloqueio de notícias e informações” e resultaram na prisão e encarceramento de jornalistas. Na Índia, por exemplo, nada menos que 48 jornalistas foram alvos de abertura de inquéritos judiciais, sendo que 15 deles foram mantidos presos por períodos entre uma e quatro semanas antes de serem libertados sob fiança.

Um novo aumento no número de incidentes também é perceptível desde a chegada do outono no hemisfério norte, que marcou o início da segunda onda da epidemia, em particular na Europa. No entanto, o fenômeno não se reproduziu na mesma proporção e diz respeito, principalmente, a casos de violência e agressões. O endurecimento da repressão observado no primeiro semestre de 2020, contudo, tem efeitos duradouros. Embora a maioria dos jornalistas tenha sido libertada algumas horas, ou mesmo alguns dias ou semanas depois de serem presos, **14 deles ainda estão, até hoje, atrás das grades** em três regiões do mundo: Ásia, Oriente Médio e África.

## OS JORNALISTAS PRESOS

## Ásia

## O centro da repressão

É na Ásia, continente onde a Covid-19 surgiu e onde a maioria das violações à liberdade de imprensa em conexão com a pandemia foram registradas, que se encontra o maior número de presos do coronavírus (10).



Zhang Zhan  
© Handout

A China censurou amplamente as críticas à sua gestão da crise sanitária nas redes sociais do país. Pelo menos 7 jornalistas, denunciadores e comentaristas políticos influentes, presos por seu trabalho sobre a pandemia, ainda estão detidos. Entre eles, [Cai Wei](#) (蔡伟) e [Chen Mei](#) (陈玫), dois jornalistas não profissionais presos e acusados de ter “*encorajado brigas e causado agitação*” depois de contribuir para a publicação de notícias e entrevistas sobre a crise sanitária na plataforma “open source” *Github* (que arquiva conteúdo de plataformas e sites chineses excluídos por censores do governo). A advogada e jornalista amadora [Zhang Zhan](#) (張展) foi presa pelos mesmos motivos, após suas intervenções no Twitter e entradas no YouTube, ao vivo de Wuhan, no início de fevereiro, com informações sobre a pandemia de Covid-19. Atualmente presa em Xangai, Zhang Zhan faz greve de fome enquanto aguarda julgamento, depois de ser forçada a se declarar culpada.



Ren Zhiqiang  
© DR

Quando os julgamentos são realizados, as sentenças podem ser extremamente duras. Dado como desaparecido em meados de março após denunciar as falhas do regime na gestão da crise sanitária, o comentarista político e membro do Partido Comunista Chinês [Ren Zhiqiang](#) (任志强) foi condenado a 18 anos de prisão e multa de 4,2 milhões de yuans (cerca de 535 mil euros) por “corrupção e desvio de verbas públicas”.

A repressão à liberdade de imprensa também aumentou durante a pandemia na Birmânia, onde o editor chefe da agência de notícias online *Dae Pyaw*, [Zaw Ye Htet](#), foi [condenado a dois anos de prisão em 20 de maio de 2020](#), após um processo e um julgamento apressados. Ele havia sido preso um mês antes por revelar a morte de uma pessoa com coronavírus, no estado de Karen, leste do país.



Ahmed Kabir Kishore  
© Netra News

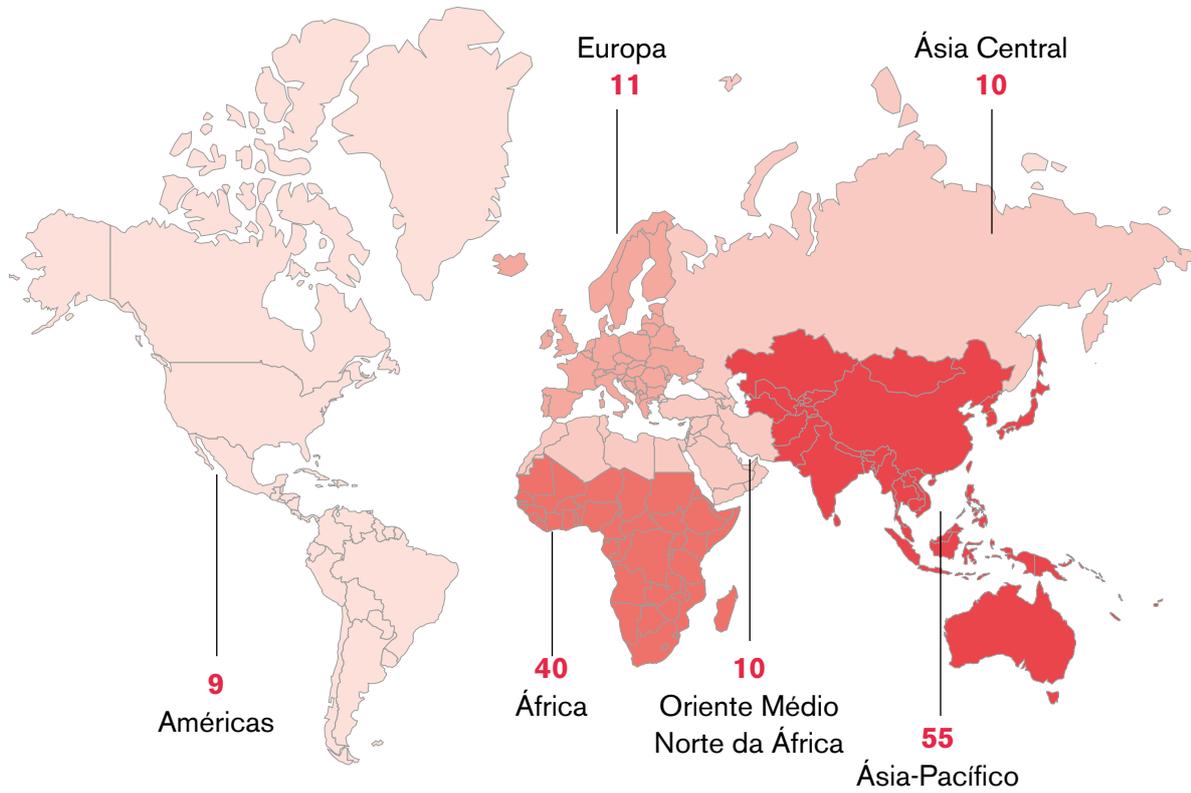


Mushtaq Ahmed  
© New Age Photo

Em Bangladesh, [o famoso cartunista Ahmed Kabir Kishore](#), e [o blogueiro e escritor Mushtaq Ahmed](#) ainda estão em prisão preventiva após terem sido vítimas de uma repressão massiva em maio, que teve como alvo os acusados de “*disseminar no Facebook rumores e desinformação sobre a situação do coronavírus*”. Quanto ao que foi considerado desinformação, Mushtaq Ahmed simplesmente [publicou um artigo](#) denunciando a escassez de equipamentos de proteção para as equipes de saúde e o cartunista, uma [série de caricaturas de figuras políticas](#) intitulada “A vida em tempos de corona”.

## OS JORNALISTAS PRESOS

Número de prisões ligadas à Covid por zona geográfica\*\*



\*Dados não exaustivos

## OS JORNALISTAS PRESOS

### Oriente Médio

#### A impossível crítica à gestão da crise sanitária

Na região do Oriente Médio, onde vários países aproveitaram a pandemia para reforçar seu controle sobre os meios de comunicação e a informação, 3 jornalistas ainda estão detidos por artigos relacionados à Covid-19.

Baseado em Amã, na Jordânia, o jornalista de Bangladesh [Salim Akash](#) investigava o destino de seus concidadãos que vieram trabalhar em solo jordaniano e foram completamente abandonados pelas autoridades locais desde o início do confinamento. Preso em 14 de abril de 2020, ele ainda está na prisão de al-Salt, onde foi simplesmente informado de que havia “violado uma lei importante”.



Roghieh (Ashraf) Nafari  
© DR

No Irã, onde as autoridades perseguiram amplamente jornalistas que tentaram informar sobre a real dimensão da pandemia no país, o administrador do canal de Telegram *Iran Labour News Agency (ILNA)*, [Hamid Haghjoo](#), está preso desde abril por postar uma caricatura zombando de líderes religiosos que defenderam o uso de remédios tradicionais para tratar a Covid-19. Por sua vez, a estudante e jornalista amadora [Roghieh \(Ashraf\) Nafari](#) permanecerá na prisão até o final do ano depois de publicar [tweets críticos](#) à gestão da crise sanitária pelo governo.

### África

#### Três vezes mais prisões em três meses

O jornalista ruandês [Dieudonne Niyonsenga](#) é o único jornalista africano ainda preso por “infringir as regras do confinamento” até o momento. Diretor da *Ishema TV*, uma web TV de Ruanda, ele foi preso em abril enquanto cobria o impacto das medidas tomadas pelas autoridades na população e investigava denúncias de estupros supostamente cometidos por soldados encarregados de fazer cumprir o toque de recolher.

Afetada mais tarde e com menos intensidade pela pandemia, a África Subsaariana foi, no entanto, devastada por uma onda de abusos cometidos contra profissionais da informação. Segundo [relatório publicado pela RSF em parceria com a Cartooning for Peace](#), triplicou o número de prisões de jornalistas na região entre 15 de março e 15 de maio de 2020, em comparação com o mesmo período no ano anterior. No total, 40 prisões relacionadas à cobertura da pandemia foram registradas entre o início de março e o final de novembro. No Zimbábue, o jornalista investigativo [Hopewell Chin'ono](#) passou quase um mês e meio atrás das grades, após ajudar a revelar desvios de verbas públicas destinadas à compra de equipamentos para combater o coronavírus.

## OS JORNALISTAS PRESOS

---

### América Latina

#### Uma caça intensificada a jornalistas críticos

Embora no momento em que este relatório foi redigido não houvesse mais “presos da Covid-19” em outras partes do mundo, incluindo as Américas, desde o início da pandemia, o ambiente de trabalho para imprensa se deteriorou consideravelmente no sul do continente americano. As agressões (físicas e verbais), as pressões, as campanhas de assédio, bem como os processos judiciais abusivos estão aumentando. Para os governos autoritários de Nicolás Maduro, na Venezuela, Juan Orlando Hernandez, em Honduras, Daniel Ortega, na Nicarágua, e Miguel Díaz-Canel, em Cuba, a crise sanitária foi uma dádiva e uma oportunidade para intensificar a caça a jornalistas críticos, independentes e dissidentes.

Nesses países, muitos jornalistas que publicaram informações sobre a propagação do vírus ou questionaram a resposta oficial das autoridades à crise foram arbitrariamente presos, detidos e interrogados. Foi o caso, por exemplo, do jornalista independente venezuelano [Darvinson Rojas](#), um dos [heróis da informação RSF 2020](#), jogado na prisão por 12 dias por um tweet que questionava a confiabilidade dos dados oficiais sobre a pandemia.

---

### Europa e Ásia Central

#### O vírus como pretexto ideal para aumentar o assédio

Em quase toda a região da Europa Oriental e Ásia Central, a crise sanitária exacerbou a repressão à liberdade de imprensa. Leis abusivas sobre a divulgação de informações falsas e a acusação de violação do confinamento ou do distanciamento social forneceram excelentes pretextos para prender jornalistas da mídia independente, especialmente no início do ano. Foi particularmente o caso no [Azerbaijão](#), no [Cazaquistão](#), no [Tajiquistão](#) e na Rússia, onde a jornalista da *Sever.Realii* (afiliada à rádio americana *Radio Free Europe/Radio Liberty*), **Tatiana Voltskaya**, foi interrogada pela polícia e processada por “informações falsas” após a publicação de [uma entrevista com um médico anônimo](#) sobre a falta de respiradores artificiais nos hospitais. Na Bielorrússia, um jornalista investigativo especializado no sistema de saúde, **Sergei Satsouk**, foi preso por “corrupção” após [um editorial questionando os números oficiais](#) e a gestão da pandemia pelo presidente Alexandre Lukashenko. Libertado diante da pressão internacional, ele ainda está sendo processado e pode pegar 10 anos de prisão.

Na Europa Central e nos Balcãs, as autoridades também aproveitaram a crise sanitária para aumentar o assédio à mídia crítica, seja por meio de leis que matam a liberdade, como na [Hungria](#) ou na [Sérvia](#), seja por prisões de jornalistas, que ocorreram em particular na [Sérvia](#), no [Kosovo](#), na [Polônia](#), mas também em [Aruba](#), território ultramarino holandês.

## OS JORNALISTAS PRESOS

## Novos prisioneiros emblemáticos



Khaled Drareni  
© RSF

O ano de 2020 foi marcado pela prisão e encarceramento do correspondente da RSF e da *TV5 Monde* na Argélia, [Khaled Drareni](#). O também diretor do site de notícias *Casbah Tribune* foi condenado a dois anos de prisão em setembro de 2020 pelo Tribunal de Segunda Instância de Argel, por atentado à integridade do território, principalmente com base em duas publicações nas redes sociais, uma das quais terminava com a frase: “Viva a liberdade de imprensa!”. Sua cobertura do movimento de contestação popular do regime local, o HIRAK, fez com que se tornasse alvo de assédios e tentativas de suborno a partir de 2019. Sua integridade e a obstinação das autoridades para com ele o tornaram um verdadeiro símbolo da liberdade de imprensa na Argélia. Um [comitê de apoio nacional e internacional](#) foi criado para obter sua libertação.



Omar Radi  
© DR

Ainda no Norte da África, no vizinho Marrocos, o jornalista [Omar Radi](#) também é vítima de assédio judicial. Um dos criadores do site de notícias *Le Desk*, há mais de 10 anos, ele vem investigando assuntos delicados, trabalho que o tornou alvo do governo marroquino. Em junho, apenas 48 horas depois de ter sido revelado que um aplicativo de spyware da empresa israelense NSO vendido apenas para governos foi usado para invadir o telefone de Radi, o jornalista foi intimado para interrogatório por [suspeita de espionagem](#). Em 29 de julho, ele foi preso sob acusações de espionagem e agressão sexual.



Pham Doan Trang  
© Liberal publishing House

Uma das prisões notórias deste ano foi a da vencedora do [Prêmio RSF de Liberdade de Imprensa 2019](#) (Prêmio de Impacto). A jornalista vietnamita Pham Doan Trang foi detida no início de outubro em sua casa na cidade de Ho Chi Minh. Acusada de fazer “propaganda contra o Estado”, Pham Doan Trang fundou a revista jurídica online *Luât Khoa* e dirige a redação do *thevietnamese* - duas publicações que permitem aos leitores conhecer as leis do Vietnã, defender seus direitos e combater arbitrariedades do Partido Comunista. Seu trabalho mais recente, publicado um mês antes de sua prisão, é [uma investigação sobre o massacre de Dong Tam](#), cujo nome remete a uma aldeia nos subúrbios de Hanói, invadida violentamente pela polícia em janeiro para reprimir a resistência dos moradores à apreensão de suas terras pelas autoridades. Pham Doan Trang havia deixado uma carta para o caso de ser presa, na qual escreveu não desejar a liberdade para si mesma, mas “algo maior: a liberdade para o Vietnã”.

## OS JORNALISTAS PRESOS

## Quando o pior deve ser temido

O nome de Pham Doan Trang se junta ao de três outros vencedores de prêmios da RSF que também foram privados de suas liberdades e sobre os quais as notícias são particularmente alarmantes. Na China, [Huang Qi](#), 57 anos, laureado pelo Prêmio para Liberdade de Imprensa em 2004, fundador do site de notícias sobre direitos humanos *64 Tianwang* (veículo também premiado pela RSF em 2016) e condenado no ano passado a 12 anos de prisão, sofre de graves problemas de saúde. Na Arábia Saudita, o blogueiro [Raif Badawi](#), vencedor da premiação *Prix du net-citoyen* em 2014, acaba de passar o oitavo ano atrás das grades, fazendo várias greves de fome para protestar contra suas condições de detenção. As últimas informações sobre ele são tão incompletas quanto preocupantes. Finalmente, o fotógrafo iraniano [Soheil Arabi](#), ganhador do Prêmio Jornalista Cidadão 2017, condenado em 2015 a sete anos e meio de prisão, também fez greve de fome para protestar contra suas condições de detenção e, segundo sua mãe, está agora em confinamento solitário. A mãe de Arabi também foi [condenada em outubro passado, a 18 meses de prisão](#) em regime fechado, acusada de “propaganda contra o regime”, e recorreu da decisão.

No Irã, o ano de 2020 também foi marcado pelo anúncio da [sentença de morte](#), em 30 de junho, do diretor do canal de Telegram *AmadNews*, [Rouhollah Zam](#). Figura polêmica, principalmente por causa de suas ligações com os serviços de inteligência estrangeiros, ele era conhecido por suas duras críticas ao regime iraniano. Refugiado na França, em 12 de outubro de 2019, foi sequestrado durante uma viagem ao Iraque por guardiões da revolução iraniana e levado à força para o Irã. Após um julgamento injusto, foi considerado culpado de nada menos que 13 acusações.

No Reino Unido, o fundador do Wikileaks, [Julian Assange](#), mantido em prisão preventiva no presídio de segurança máxima de Belmarsh durante o exame de seu pedido de extradição pelos Estados Unidos, viu suas condições de detenção deteriorarem consideravelmente devido às medidas de confinamento. Tendo em vista os riscos de saúde envolvidos, não pôde comparecer à sala de videoconferência para assistir a todas as suas audiências. A multiplicação de casos de Covid-19 na ala onde está preso também [acentuou seu isolamento](#) na cela, despertando sérios temores sobre sua saúde física e seu estado psicológico, já muito afetado.

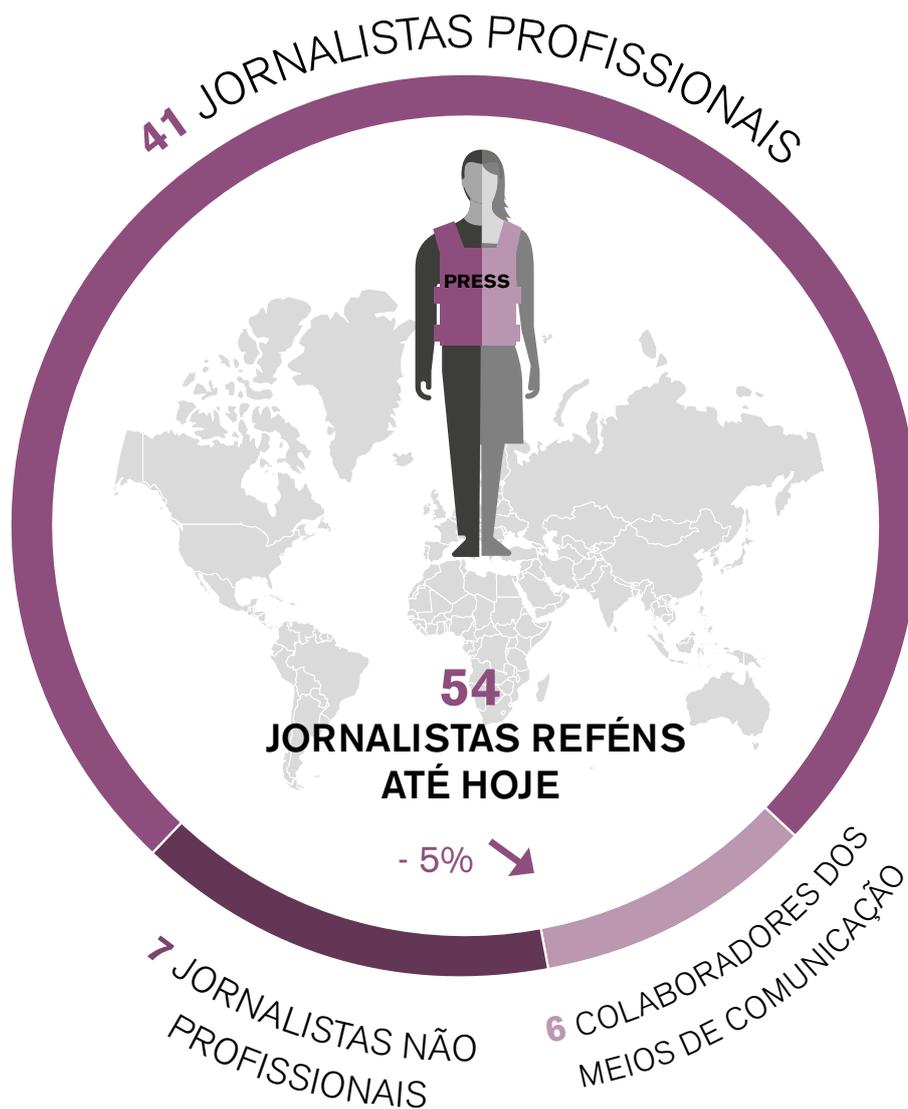


Dawit Isaak  
© Kalle Ahlsén

O destino de Dawit Isaak, jornalista preso há mais tempo no mundo, também é fonte de fortes preocupações. Este ano, o jornalista eritreu, que havia obtido a cidadania sueca antes de ser preso em seu país de origem, ultrapassou a marca de 7 mil dias na prisão. Nunca julgado, nem condenado, ele permanece detido sem razão aparente desde 2001. Seus familiares e amigos não recebem prova alguma de que esteja vivo desde 2005. No final de outubro de 2020, a RSF apresentou queixa ao gabinete do Procurador para Crimes Internacionais de Estocolmo, acusando Isaias Afwerki, presidente da Eritreia desde 1993, e sete outros altos funcionários do país de crime contra a humanidade.

# OS JORNALISTAS REFÉNS

Em números



**50**  
Reféns  
locais  
(93%)



**4**  
Reféns  
estrangeiros  
(7%)

## OS JORNALISTAS REFÊNS



## Os principais sequestradores



**No mundo todo, pelo menos 54 jornalistas são atualmente mantidos como reféns, 5% a menos do que no ano passado. Todos os reféns estão agora concentrados em três países do Oriente Médio - Síria, Iêmen e Iraque.**

**Jornalista refém:** A RSF considera que um jornalista é refém a partir do momento em que ele ou ela está nas mãos de um ator não-estatal, que ameaça matar, ferir ou seguir com a detenção a fim de obrigar um terceiro ator (um Estado, organização ou grupo de pessoas) a realizar determinada ação. A tomada de reféns pode ter motivação política e/ou econômica, quando envolve o pagamento de um resgate.

## OS JORNALISTAS REFÉNS

## Libertações a conta-gotas e impasses

Depois de ficar detido por dois anos e meio, o jornalista ucraniano [Stanislav Asseev](#) foi libertado em 29 de dezembro de 2019, no contexto de uma [troca de cerca de 200 prisioneiros](#) entre separatistas pró-Rússia da região de Donbass e autoridades ucranianas. Assim, Síria, Iraque e Iêmen são as últimas fábricas de jornalistas reféns no mundo.

Foi graças a outra troca de prisioneiros que 5 jornalistas iemenitas que estavam nas mãos de rebeldes Houthi foram libertados em 2020. No entanto, jornalistas têm sido usados como moeda de troca: 7 jornalistas sequestrados pelos Houthis ainda esperam pela liberdade. Entre eles, 4 foram condenados à morte: [Abdulkhaleq Amran](#), [Akram Al-Walidi](#), [Hareth Humaid](#) e [Tawfiq Al-Mansouri](#), que trabalhavam para veículos próximos ao partido governante Islah em áreas controladas pelo governo oficial. Capturados pelos Houthis em 2015, foram considerados culpados de espionagem em benefício da Arábia Saudita em abril de 2020. Correm o risco de ter sua pena executada a qualquer momento.



Abdulkhaleq Amran  
© DR



Akram Al-Walidi  
© DR



Hareth Humaid  
© DR



Tawfiq Al-Mansouri  
© DR

No Iraque e na Síria, a maioria dos sequestros data de 2014 e 2015, quando o então todo-poderoso Estado Islâmico controlava áreas em ambos os países. A maioria dos territórios perdidos foi reconquistada pelas autoridades oficiais, mas não há notícias dos jornalistas sequestrados. Apenas um deles foi libertado no final de 2019, após quase três anos em cativeiro: o fotógrafo sul-africano [Shiraz Mohamed](#), sequestrado em janeiro de 2017, quando trabalhava para a ONG *Gift of the Givers*, em Darkush, no norte da Síria, perto da fronteira com a Turquia. De acordo com a ONG, ele conseguiu “fugir” de seus captores e foi trazido para a Turquia graças a “pessoas amigas”. Nada vazou sobre a identidade do grupo responsável por seu sequestro, embora o nome da organização jihadista Hay'at Tahrir Al-Sham (HTS) - que controla esta área - seja frequentemente citado.

Herdeiro do Jabhat al Nosra, braço sírio da Al Qaeda e que agora controla a região de Idlib, último enclave rebelde no nordeste da Síria, esse mesmo grupo foi mencionado em um novo caso de sequestro em 2020. O fundador da mídia online *OGN*, [Bilal Abdul Kareem](#), de nacionalidade americana, mantinha boas relações com o HTS até publicar uma entrevista com a esposa de um prisioneiro do grupo, que teria sido torturado. Kareem está detido em local desconhecido desde agosto de 2020.

## OS JORNALISTAS REFÉNS



Austin Tice  
© DR

Ainda na Síria, os esforços para encontrar o jornalista americano [Austin Tice](#) foram retomados este ano. O caso estava paralisado desde seu sequestro em um posto de controle perto de Damasco, em agosto de 2012. O Secretário de Estado do governo Trump, Mike Pompeo, confirmou que um representante dos EUA esteve na capital síria para negociações diretas com as autoridades, acusando-as de se recusarem a revelar informações sobre o destino do repórter. Embora o jornalista tenha aparecido em vídeo pela última vez há oito anos, sem que a identidade de seus captores tenha sido revelada, as negociações realizadas com o governo de Bashar al-Assad alimentam a esperança de que Tice ainda esteja vivo e detido em uma prisão governamental.

# OS JORNALISTAS DESAPARECIDOS

## Quatro jornalistas foram dados como desaparecidos em 2020

Ao contrário do ano passado, quando nenhum novo caso de desaparecimento foi registrado, três jornalistas de três regiões do mundo (Oriente Médio, África Subsaariana e América Latina) foram dados como desaparecidos em 2020.

A RSF considera que um jornalista está desaparecido quando não há elementos suficientes para determinar que ele foi vítima de um homicídio, de um sequestro ou quando nenhuma reivindicação confiável foi divulgada.



Tawfik Al-Tamimi  
© DR

**O editor-chefe do diário *Al-Sabah*, [Tawfik Al-Tamimi](#), foi sequestrado em plena rua na capital iraquiana, Bagdá, em 9 de março de 2020**, quando saiu de casa para ir trabalhar. Nenhum grupo reivindicou o seu sequestro ou pediu oficialmente um resgate. Mas, pouco antes do sequestro, o jornalista postou uma mensagem em sua conta no Facebook em que se perguntava sobre o destino do diretor de uma editora que havia sido sequestrado. Apesar das garantias do primeiro-ministro iraquiano Mustafa Al-Kadhimi de que o governo estava fazendo “todo o possível para acompanhar o caso” e “levar à justiça” os culpados, quase nove meses depois, sua família ainda não tem informação alguma sobre o seu paradeiro.



Bwira Bwalitse  
© DR

**O diretor da *Rádio Comunitária de Bakumbule (RCBA)*, [Bwira Bwalitse](#), foi sequestrado em 16 de junho de 2020 por homens armados na província de Kivu do Norte, no leste da República Democrática do Congo (RDC)**, enquanto desempenhava suas funções. Os sequestradores usaram o telefone do jornalista para exigir um resgate de 5 mil dólares americanos (cerca de 4 mil euros). A família do jornalista não conseguiu arrecadar essa quantia. Em 19 de junho, ela foi informada pelos sequestradores de que o jornalista havia sido executado. Desde então, os sequestradores estão incomunicáveis e Bwalitse nunca foi encontrado, apesar dos alertas lançados pela RSF e sua organização parceira na RDC, Journaliste en danger (JED), que escreveu ao governador da província, pedindo-lhe que organizasse uma ampla operação de busca.



Daysi Lizeth  
Mina Huamán  
© DR

**A jornalista do canal regional de televisão a cabo *VRAEM TV* de Ayacucho (centro do Peru), [Daysi Lizeth Mina Huamán](#), desapareceu em 26 de janeiro de 2020**, depois de cobrir as eleições municipais, que aconteceram naquele mesmo dia. A jovem repórter, de 21 anos, tinha sido escalada para a cobertura de notícias locais gerais e não havia recebido ameaças relacionadas ao seu trabalho jornalístico. Seu rastro foi perdido na estrada entre o centro de Ayacucho e a cidade de San Francisco. Mais de nove meses depois, e embora muitas suspeitas pesem sobre o companheiro de Daysi, a investigação está paralisada. As iniciais VRAEM, que compõem o nome do canal de televisão, designam a região do Valle de los ríos Apurímac, Ene y Mantaro, principal área de produção e tráfico de cocaína do país. Mais de 3 mil mulheres desapareceram no Peru entre janeiro e julho de 2020, de acordo com a Defensoria Pública do Peru (= Ombudsman / Defensoría del Pueblo).

## OS JORNALISTAS DESAPARECIDOS



Ibraimo Mbaruco

© Ibraimo Mbaruco. Source : Facebook

**O jornalista da Rádio Comunitária de Palma, Ibraimo Mbaruco, desapareceu em 7 de abril de 2020, na província de Cabo Delgado, norte de Moçambique.** Em sua última [mensagem](#), ele havia indicado estar “cercado de soldados”. Desde então, nenhum de seus parentes voltou a vê-lo. A região de Cabo Delgado tem sido palco de ataques de insurgentes islâmicos. As autoridades moçambicanas impedem qualquer cobertura da mídia no território, se escondem por trás do silêncio ou denunciam, como fez recentemente o chefe de estado, a “desinformação” nos meios de comunicação com relação ao que se passa na região. Entre os jornalistas, esse desaparecimento preocupa ainda mais pelo fato de que, em 2019, dois repórteres dessa província permaneceram [detidos](#) pelas forças armadas por vários meses, sem que houvesse qualquer procedimento jurídico instaurado.